

teológica à medida que pronuncia-mentos, opções políticas, participações em outros organismos políticos e sociais, etc. vão acontecendo.

Alguns observadores do fenômeno pentecostal têm mostrado que as mudanças e articulações novas, a nível de participação social estão exigindo também mudanças e reflexões sobre suas concepções teológicas.

### Conclusão

As Igrejas pentecostais começam a produzir e a traduzir obras teológicas no Brasil. As traduções de obras teológicas mostram preferência por autores pentecostais e não pentecostais do começo do século que vêm positivamente a base dos quatro pontos mencionados. Algumas obras de presbiterianos e batistas americanos estão sendo reeditadas. São ainda poucos os teólogos pentecostais que ousam escrever obras particularmente teológicas. Os seminários pentecostais são relativamente recentes no Brasil. Mas, estamos, sem dúvida no aguardo de produção teológica própria de autores pentecostais brasileiros. O surgi-

mento de interlocutores deverá facilitar a compreensão teológica do fenômeno pentecostal, bem como a mútua influência também sob o ponto de vista teológico. Em várias partes do mundo nasce essa preocupação com o pentecostalismo e que, segundo alguns estudiosos talvez seja um dos três ou quatro acontecimentos da Igreja no séc XX que deverá fazer parte obrigatoriamente dos manuais de história eclesiástica, com melhores elucidaciones sobre as fontes e o sentido das afirmações teológicas distintas do pentecostalismo, além dos tradicionais enfoques das ciências sociais. A mútua elucidación poderá ser um dos fatores mais fortes na evolução do movimento pentecostal (no momento em que começa no Brasil sua produção de perfil mais teológico) bem como ajudar a sua melhor compreensão por parte de teólogos de outras tradições.

**Rev. Rui Josgrilberg** é Doutor em Ciências da Religião na França, e Reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.  
End.: Caixa Postal 5151  
09731-970 S. Bernardo do Campo - SP

## PENTECOSTALISMO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS PASTORAIS

*P. Oneide Bobsin*

### OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Foi-me solicitado pela Comissão organizadora deste seminário uma síntese das palestras e das discussões decorrentes delas, com o objetivo de abrir pistas para a discussão em grupos cujos resultados pudessem constituir em pontos de partida para um diálogo com o pentecostalismo em suas múltiplas manifestações. Tendo isto em vista, a minha exposição fora colocada entre uma série de palestras num enfoque interdisciplinar e o trabalho em grupo que teve como alvo a elaboração de um documento para as Igrejas filiadas ao CONIC.

Como síntese em busca de pistas pastorais, o presente texto não reflete a riqueza de dados colocados pelas palestras e as questões pastorais levantadas no debate e nos trabalhos em grupos.

As exposições proporcionaram uma visão complexiva de pentecostalismo e suscitaram muitas perguntas na perspectiva teológico-pastoral. Desta forma, o que no início parecia um diálogo truncado entre os conteúdos das palestras e as perguntas pastorais um tanto imedialistas veio a se constituir numa riqueza em termos de análise e de perspectivas para um possí-

vel diálogo com os pentecostais. Indubitavelmente, o diálogo entre as ciências humanas e as interrogações da teologia e da pastoral é tão difícil quanto dar passos ecumênicos entre as Igrejas históricas e o pentecostalismo. Contudo, é no mapeamento das dificuldades do diálogo entre linguagens com "códigos" diferentes que se delineiam caminhos para uma aproximação motivada pelo respeito ao diferente.

No horizonte da busca do conhecimento do "outro diferente", a contribuição das ciências sociais, especialmente da antropologia, tem sido muito importante. Tanto a antropologia quanto a história das religiões nos ajudam a derrubar muros, cercas e preconceitos para que se possa ver a riqueza do "outro diferente", no caso o pentecostalismo em suas múltiplas manifestações. Da mesma forma, o diálogo com o diferente poderá realçar características desconhecidas do "nosso lado". Nestas perspectivas, as Igrejas podem lançar mão das ciências humanas como instrumentos que favorecerão o ecumenismo. Precisamos nos reconhecer no "outro".

Para que isto possa acontecer é fundamental a crítica aos resíduos de uma evangelização colonizado-

ra que desqualifica o "outro diferente" para dominá-lo. A evangelização precisa romper o etnocentrismo e recuperar com firmeza a concepção teológica segundo a qual Deus é o OUTRO, totalmente diferente. Desta forma poderemos fugir da religião como projeção antropológica e questionar a forte tendência "eclesiasticocêntrica" confessionalista que impede a percepção da multiforme graça de Deus. Nesta perspectiva, perspectiva do diálogo pode-se relegar para em segundo plano a vida e a preservação das Instituições e priorizar os dramas espirituais e sociais do povo, sobretudo dos marginalizados e excluídos.

Jamais podemos esquecer que por trás das "máscaras" religiosas há uma pessoa que clama por vida, amor, carinho e beleza, cujo rosto reflete a imagem divina.

### 1. A BUSCA DO ECLETISMO

As exposições a partir da história, sociologia, antropologia, psicologia e teologia revelaram o quão complexo é o fenômeno religioso pentecostal. Também nos apercebemos que dentro de cada ramo da ciência existem interpretações conflitantes e afins do mesmo fenômeno.

As abordagens usuais e as perspectivas sociológicas apontam para a complexidade do fenômeno e variedade de interpretações.

Como exemplo da necessidade do ecletismo teórico para a compreensão do pentecostalismo ou de outros fenômenos religiosos, seguem alguns tópicos extraídos das palestras. Restrinjo-me ao campo das Ciências Sociais, por conhecê-lo melhor.

Na perspectiva da sociologia funcionalista, o crescimento pentecostal é visto como resposta a anomia. A ausência de regras decorre do desenraizamento social por causa da migração, industrialização e urbanização. Segundo esta tendência sociológica, o pentecostalismo cresce porque desempenha as funções de integração do indivíduo a uma nova realidade e de "cura".

Distanciando-se da sociologia funcionalista há quem afirme que a expansão pentecostal está relacionada ao fato de que os "meios de produção dos bens religiosos" foram socializados, invertendo, assim, no plano simbólico e estrutura das empresas e das Igrejas. Grande parte dos fiéis torna-se produtor direto de bens simbólicos, rompendo, desta forma, com a estrutura eclesial segundo a qual o clero produz e o laicato consome passivamente. Evidente que estamos exagerando com esta imagem. Sabemos que a questão é bem mais complexa. O laicato jamais é um consumidor passivo de bens religiosos. A transmutação dos signos entre clero e laicato é muito grande.

Para outros historiadores e sociólogos, o pentecostalismo representa um passo importante na perspectiva da modernização, com forte tendência democratizante. Representaria de certa forma a ruptura com o mundo religioso católico tradicional conservador e hierárquico. Assim, o protestantismo em geral e o Pentecostalismo em particular, com a ênfase na responsabilidade individual, favorecia a democracia liberal. Evidente que outros pesquisadores do protestantismo afirmam justamente o contrário. Faz-se, aqui, apenas uma breve menção destas tendências de interpretação. Temos consciência do perigo das sínteses. Tópicos são tópicos.

Partindo da idéia de modernização buscou-se questionar o conceito de anomia e acentuar a hipótese segundo a qual o pentecostalismo abre espaços para que as camadas pobres possam lutar pela sobrevivência. Neste sentido, o pentecostalismo seria uma estratégia de sobrevivência. Com os símbolos do pentecostalismo as pessoas estariam mais "aparelhadas" para superar a situação na qual os pobres se encontram. Entende-se esta "estratégia de sobrevivência" tanto na esfera material quanto espiritual, no sentido de tornar a vida viável. Por exemplo, o pentecostalismo pode reconstituir os laços familiares quando o marido supera, pela força da religião, a dependência do álcool. Este refa-

zer-se da família por meio da conversão poderá representar uma melhora no orçamento doméstico, o que não significa uma ascensão social ou doação de uma ética econômica calvinista, segundo Max Weber.

Nos debates e diálogos durante o seminário o "fantasma" do "neo pentecostalismo" fazia suas aparições constantemente. Parece-nos que o sucesso deste pentecostalismo denuncia a nossa incapacidade de crescimento. Infelizmente temos medo de sermos ou de nos tornarmos minoria. Concordo com o teólogo Juan Luis Segundo, quando afirma o caráter minoritário do cristianismo. Penso que não devíamos nos impressionar com o sucesso dos outros. Além disso, deveríamos ser mais cautelosos nas análises que fazemos do pentecostalismo de "terceira onda", que possui afinidades com a sociedade que já superou as características da segunda revolução industrial. Suspeitou que os "protestantes históricos" ainda estão ligados à sociedade do trabalho, da qual teve como interlocutor das "classes incluídas" apenas setores médios e indivíduos da classe dominante.

Nas discussões posteriores às palestras, o "neopentecostalismo" sempre era analisado a partir da idéia de mercado, onde predominam as relações de trocas simbólicas mediadas pelo dinheiro. Também fomos lembrados da unilateralidade de nossa crítica. Sempre

criticamos quem coage a dar, e não nos perguntamos pelas razões de quem dá tantos reais para os templos dos diversos ramos do "pentecostalismo de terceira onda". Suspeita-se que o nosso paternalismo em relação às massas impedem de vermos o lado de quem sente-se coagido a dar dinheiro.

Não obstante sustentarmos a concepção de que a graça de Deus é incompatível com a idéia de mercados e "comercialização dos bens simbólicos", não podemos esquecer que tudo o que criticamos no "neopentecostalismo" está de forma tímida presente em nossas Igrejas. Seguindo uma pista aberta por Hugo Assmann, poder-se-ia dizer que os "novos movimentos religiosos" exacerbam aspectos que tentamos esconder em nossas Igrejas tradicionais. As trocas entre pessoas e divindades é uma constante nas religiões. Evidente que numa situação onde o mercado se impõe como messias do mundo, superando a ética do trabalho, o "toma lá da cá" encontra nas religiões espaços e motivação para refletir e influenciar a lógica do sistema dominante.

## 2. PISTAS E DESAFIOS PASTORAIS

Mesmo que as ciências sociais sejam metodologicamente atérias, nada impede que a teologia e a pastoral façam uso de seu instrumental, bem como de seus resultados.

Nesta perspectiva, poderíamos deduzir, da análise funcionalista, a idéia segundo a qual as pastorais das Igrejas pudessem, através de seus cultos, constituírem-se em espaços de acolhimento, reforçando a identidade de quem passou pelo processo de anomia. Além disso, poder-se-ia "copiar os modelos terapêuticos" e desenvolver uma pastoral da saúde. Parece-nos que a questão é mais complexa. É óbvio que uma comunidade acolhedora, mesmo tradicional, poderá se constituir num espaço de reforço identitário. Mas o pentecostalismo significa muito mais do que uma ação pastoral isolada ou uma técnica de acolhimento.

De grande importância para as Igrejas históricas é a busca de uma pastoral da saúde. Evidente que não se deve imitar certos "curandeirismos". Mas não se pode esquecer que a doença e a angústia decorrente dela constituem-se num momento de desorganização do "centro" da vida. Saúde e salvação ou religião estão muito próximos. Neste "centro" entrecruzam-se indivíduo e o social, corpo e política, vida e morte, etc. Da mesma forma, a "cura" não pode ser vista como um mecanismo isolado no pentecostalismo. Ela faz parte de um todo indivisível...

Da perspectiva analítica que se baseia na idéia de que o crescimento do pentecostalismo relaciona-se com a socialização do poder

religioso poder-se-ia delinear uma estratégia pastoral para a superação da divisão social do trabalho religioso entre clero e leigos nas Igrejas filiadas ao CONIC? Novamente devemos destacar que o transplante de modelos de ação de movimentos religiosos para estruturas eclesiais seculares não resultará em garantia de "sucesso". No entanto, a descentralização do poder eclesial poderá gerar uma tensão dinamizadora nas velhas estruturas de Igrejas, mas não reproduzirá o impacto das "seitas". Copiar aspectos de outros movimentos religiosos para adaptá-los a instituições multiseculares pode redundar em fracassos, pois cada religião é uma "totalidade" em si.

Como lidar na pastoral das Igrejas tradicionais com a idéia de que os "novos" movimentos religiosos "equipam" melhor as pessoas para lutar pela sobrevivência? Novamente estamos diante de uma questão muito complexa. Suspeito que a "lógica" do movimento pentecostal e de outros fenômenos que estão numa fase instituinte difere dos "códigos" das religiões instituídas. Para exemplificar o que estou querendo expressar apelo para o título de uma obra de Lévi-Strauss "*O Pensamento Selvagem*". Recorrer a este título não implica aqui em reproduzi-lo para nosso uso imediato. O título desta obra suscita as noções de "selvagem" e "do-

méstico". Levanto como uma idéia tanto vaga que nos movimentos religiosos, como o pentecostalismo, o sagrado se expressa de forma "selvagem", ao passo que nas instituições eclesiais ele fora "domesticado" pelos ritos, dogmas, liturgias, regulamentos, etc. No descenso social ou nas situações limites da vida, o sagrado selvagem está mais próximo e disponível para a "manipulação" do fiel. Nas contingências, o mediato - mediação eclesial - perde espaço para o "imediatismo". Isto se expressa com mais vigor onde a cidadania é privilégio de uma pequena parcela da população neste prisma, as mediações institucionais tornam-se "inúteis" e, como consequência, há o reforço do imediatismo.

## "SINCRETISMO"

Dois exemplos podem nos mostrar onde residem as dificuldades do diálogo das instituições eclesiais com o mundo religioso dos pobres. Retomamos aqui, a idéia de "sincretismo". Tomamos o primeiro exemplo da literatura brasileira. Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*, coloca na boca de seu personagem o seguinte discurso:

"Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente da religião: para

se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é salvação-da-alma...

Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito todas. Bebo água todo o rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de comprade meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas quando passo, vou no Mindubin, onde um Matias é crente metodista: a gente que acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me aquieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar - o tempo todo.

Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégio, invariável...".

O segundo "exemplo" revela que a lógica de classificação das Igrejas configura-se numa idéia fora de lugar quando se trata da aproximação do universo popular. Assim foi colhido por Pierre Sanchis:

"Se você segue esta religião, você está dentro daquilo, você tem mais é que seguir. As religiões, todas, escravizam o homem. Mas se você já se dispôs a ser católico, a ser protestante, a ser candomblé, se você já dispôs àquilo, tem que seguir aquelas normas. Se você já está escravo, tem que seguir para

o resto da vida (...) Então acho que isto tem que ser certo. Se você é católico mesmo, tem que ser católico, se você é protestante (...) Não pode misturar. Tem que ser assim. Só que eu acho que você tem que fazer o que você se sente bem. (E se você se sente bem misturando?...). É, tem mais é que ficar. (e aqui na Bahia?...). As pessoas se sentem bem, muito bem, em geral se sentem realizadas. Eu acho que seria muito difícil você tentar separar essas duas coisas. O pessoal, a maioria não iria aceitar. Porque já é tipo uma religião essas duas coisas aí. Já misturou ali..."<sup>1</sup>.

Alguns aspectos dos depoimentos acima merecem breves comentários. Em primeiro lugar, parece ser o acaso que organiza a fala tanto do personagem de Guimarães Rosa quanto do depoimento colhido por Pierre Sanchis. Como segundo ponto destacamos que a subjetividade explicitada nos depoimentos demonstra uma certa insubordinação dos indivíduos a uma religião institucionalizada. Assim, vemos o indivíduo emergir ao "misturar" tudo. Neste sentido, um aspecto da modernidade se faz presente ao lado de outros que são pré e pós-moderno. Acresce-se a esta percepção a suspeita de que a religião-de-igreja<sup>2</sup> mais normatiza a vida. Com isto, a religião institucionalizada perde em influência ética.

Conseqüentemente, a busca do sagrado "selvagem" não mais se pauta pela identificação com um conjunto de regras e rituais normatizados pelas Igrejas<sup>3</sup>. Em outras palavras, a religião institucionalizada foi esvaziada em sua determinação ética. Simultaneamente, as Igrejas são submetidas ao "poder" do indivíduo. Ocorre uma certa inversão no universo sócio-religioso. No passado não muito distante, a força coercitiva da religião eclesiástica submetia as pessoas a certas regras de comportamento. Hoje, são as instituições religiosas tradicionais que se ajoelham diante dos indivíduos, assim como o vendedor de um produto se verga ao consumidor.

O pentecostalismo, com exceção de sua terceira fase, contradiz a tendência geral ao reforçar os mecanismos identitários e a ética. Ao introduzir a ruptura religiosa que delimita claramente sua oposição à religião predominante privilegiada a adesão pessoal como algo novo da sociedade brasileira, isto se pensamos nas camadas populares, pois o protestantismo de missão ou histórico já havia introduzido esta prática a partir de meados do século passado, mas não lograra sucesso numérico entre as camadas pobres.

No entanto, a ruptura com a religião da família e a construção de uma identidade "sectária", ao

mesmo tempo, podem representar um avanço se tivermos em vista a modernidade e uma dificuldade se pensarmos numa perspectiva ecumênica. O neófito transforma os santos em demônios.

Desta forma o catolicismo é visto pelos pentecostais como um sistema idolátrico que deve ser combatido pela "verdadeira" fé. Assim, uma "velha" regra da história das religiões se repete: "os deuses são transformados em demônios"

Com esta oposição ao catolicismo "idolátrico", o diálogo com os pentecostais passa por um caminho muito espinhoso no CONIC. Entre outros caminhos a serem buscados pelo diálogo talvez esteja a Renovação Carismática Católica. É apenas uma suspeita. Faltam-me informações para pensar além.

Também a concepção de Igreja hierárquica, centralizada no Vaticano, pode representar um outro nó de dificuldades para o diálogo com os pentecostais. Em relação às Igrejas Protestantes filiadas ao CONIC as dificuldades são de outra ordem, o que poderá favorecer a aproximação através de indivíduos ou grupos pentecostais. Também nestas Igrejas protestantes crescem movimentos que se assemelham à RCC. No entanto, o projeto expansionista numérico dos pentecostais e o "sucesso" no presente podem ser acrescidos como

1. SANCHIS, P. *O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?*, p. 112

2. LUCKMANN, T. *The Invisible Religion*, pp. 77-106

3. SANCHIS, P. *idem*, p. 92

outros problemas par uma possível diálogo. Mas as dificuldades não devem impedir a busca do sonho de que "todos sejam um", resguardando as identidades de cada grupo ou confissão. Resta saber, no entanto, se há disposição para o diálogo da parte quem está fazendo "sucesso".

Ao finalizar esta tentativa de resumo do Seminário sobre Pentecostalismo, na perspectiva de realçar os desafios e as pistas pastorais para o diálogo, remeto-vos a Italo Calvino. Podemos tomar como referência para a teologia e prática pastoral o que ele diz a respeito da função da literatura:

"Dado que me propus em cada uma destas conferências recomendar ao próximo milênio um valor que seja especialmente caro, o valor que hoje quero recomendar é precisamente este: numa época em que outros meios triunfam, dotados de uma velocidade espantosa e de um raio de ação extremamente extenso, arriscando reduzir toda a comunicação a uma crosta uniforme e homogênea, a função da literatura é a comunicação entre o que é diverso pelo fato de ser diverso, não embotando mas antes exaltando a diferença...<sup>4</sup>.

O respeito à diferença é a pré-condição para o ecumenismo e um questionamento do "sincretismo",

bem como um impulso necessário para evitar monopólios religiosos e esmaecer possíveis desenvolvimentos de identidades extremamente fortes e intolerantes, como ocorre na ex-Iugoslávia. As instituições, sejam eclesásticas ou políticas, devem ficar atentas para possíveis exacerbações e identidades religiosas fortes e intolerantes.

Por último, mas não menos importante, deve-se sempre insistir que o ecumenismo não pode ficar circunscrito às instituições eclesásticas e ao campo religioso. O projeto ecumênico deve romper muros e cercas que impedem a promoção da vida dos que estão à margem. Ele se imporá como movimento na medida em que se apoiar nos movimentos e programas que lutam contra o preconceito racial, o patriarcalismo e as desigualdades sociais, bem como se engajar na defesa da integridade da criação.

Sem derrubar muros e cercas dificilmente veremos a beleza do rosto de quem é diferente e que reflete a imagem divina.

P. Oneide Bobbin é Doutor em Ciências Sociais pela Puc e Pastor da IECLB.  
End.: Rua Travessa dos Bororós, 42  
93214-350 Sapucaia do Sul - RS

## COMPREENDENDO O UNIVERSO PENTECOSTAL E ESTABELECENDO BASES PARA O DIÁLOGO

Rev. Ricardo Gondim Rodrigues

Em 1973 o jornal o Estado de São Paulo registrava que havia 10 milhões de protestantes no país, um número que segundo o jornal era o maior que o de genuínos católicos. O número de padres católicos registrados era de 13.000.000, enquanto o de pastores, na época, era de 17.000<sup>1</sup>. O crescimento numérico da Igreja brasileira de acordo com a World Evangelization Crusade entre 1970-80 foi de 155% e entre 1980 1990 subiu a quase 200%. David Stoll considera o Brasil, juntamente com o Chile, um dos mais evangélicos países da América Latina<sup>2</sup>. Suas projeções de crescimento quanto ao número de evangélicos brasileiros para o ano 2010 mostram que seremos 57% de nossa população professando a fé evangélica.

O fenômeno evangélico brasileiro notabilizou-se na mídia, vem sendo estudado na academia, e percebido pela sociedade. A presença evangélica não apenas tornou-se visível, talvez pela primeira vez, como se mostra cada vez mais agressiva em termos de conquistar espaços. Há hoje, segmentos evangélicos organizados cobrindo basi-

camente todos os segmentos da sociedade. Desde Atletas de Cristo, a Associação de Homens de Negócios, Grupo Evangélico da Polícia Militar, Artistas Plásticos organizando exposições em galerias, Movimento Evangélico Progressista, Marcha Para Jesus; além de uma presença maciça nos meios de comunicação, de uma vigorosa indústria editorial, um comércio de discos e fitas para fazer inveja a muito cantor de MPB. Ouve-se com maior frequência pessoas de notoriedade se convertendo, seja do submundo do crime, dos meios políticos, dos esportes, ou da indústria do entretenimento.

O mundo evangélico vem se pentecostalizando na mesma velocidade em que cresce numericamente. Em minhas andanças pelo Brasil e por meu trânsito nas mais diversas comunidades evangélicas, é possível dizer que mais de 90% do universo evangélico seja pentecostal em sua liturgia ou na sua teologia.

Primeiramente, há de se reconhecer que o universo pentecostal brasileiro parece ser complexo; ele

1. Stoll, Davi - *Is Latin America Turning Protestant* - U. California Press - P. 6
2. Stoll, David - *IBID*, página 8.

4. CALVINO, I. Seis Propostas..., p. 58